



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: LÍNGUA INGLESA E RESPECTIVAS
LITERATURAS

MARA CARNEIRO DE LIMA

BASTIAN E A HISTÓRIA SEM FIM:
A PERSONAGEM CRIANÇA LEITORA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Araguaína/TO
2020

MARA CARNEIRO DE LIMA

BASTIAN E A HISTÓRIA SEM FIM:
A PERSONAGEM CRIANÇA LEITORA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário Cimba como pré-requisito para a conclusão da disciplina de TCC II sob orientação da profª. Drª. Andrea Martins Lameirão Mateus.

Araguaína/TO
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C289b Cameiro de Lima, Mara.
BASTIAN E A HISTÓRIA SEM FIM: A PERSONAGEM CRIANÇA
LEITORA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA. / Mara Cameiro de Lima.
– Araguaína, TO, 2020.
51 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2020.
Orientador: Andrea Martins Lameirão Mateus

1. História de Bastian . 2. Literatura infantil. 3. Criança leitora. 4. Literatura
Fantástica . I. Título

CDD 420

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARA CARNEIRO DE LIMA
BASTIAN E A HISTÓRIA SEM FIM: A PERSONAGEM CRIANÇA LEITORA NA
LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário Cimba como pré-requisito para a conclusão da disciplina de TCC II sob orientação da profª. Drª. Andrea Martins Lameirão Mateus.

Data de aprovação: 08 / 12 / 2020

Banca Examinadora



Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus, UFT, orientadora Participação por videoconferência



Profa. Ms. Ana Carolina Alves de Lima Oliveira Participação por videoconferência



Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, UFT Participação por videoconferência



Profa. Dra. Valéria da Silva Medeiros, UFT Participação por videoconferência

Araguaína, 2020

*Aos meus irmãos Henrique, Reuhris e Edineia
e ao meu amado esposo Natanael Laurindo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças, coragem e alegria para superar cada desafio e poder chegar até aqui com êxito. Obrigada pela paz que me acompanhou durante todo o meu percurso.

Agradeço aos meus pais. E especialmente meus queridos irmãos Maria, Henrique, Reuhris e Edinéia, por serem minha maior motivação em cada etapa que vivi. Obrigada à minha família pela paciência e pelo apoio. Agradeço ao meu esposo Natanael Laurindo que acompanhou cada etapa que vivi ao longo do curso.

Agradeço a todos os amigos e colegas que me apoiaram na árdua caminhada de universitário, pessoas que me incentivaram, que sonharam comigo esse sonho de ser graduada, àqueles que mesmo distante sempre me apoiaram.

Agradeço aos meus caros e simpáticos professores do curso de Letras- Língua inglesa, UFT que contribuíram para maior aprendizado, que me ajudaram a crescer e a ser mais confiante. Em especial a minha orientadora, Dra. Andrea, pela ajuda, pelo apoio e paciência.

Agradeço aos meus colegas de classe pela alegria de caminharmos juntos, pelo companheirismo de cada um, pela ajuda e simpatia durante o nosso percurso. Pelas muitas vezes que seguramos as mãos uns dos outros para que todos pudéssemos romper.

Enfim, a todos que direta e indiretamente tem contribuído para que essa conquista se tornasse real.

RESUMO

O estudo analisa como a literatura apresenta a personagem da criança leitora, partindo da obra *A História Sem Fim*, sendo um trabalho de pesquisa de cunho bibliográfico e uma análise interpretativa que se insere na crítica literária formal e histórica sobre a criança leitora na contemporaneidade. Tendo em vista o papel que a leitura desempenha sobre a criança leitora na modernidade e na contemporaneidade, sua contribuição se efetua no entendimento do desenvolvimento psicossocial das crianças (PETIT, 2002). São apresentados tipos de leitores, partindo do gênero fantástico; assim como classificações e tipologias (NIKOLAJEVA, 2002; TODOROV, 1992).

Palavras-chaves: Criança Leitora. Leitura. Literatura Fantástica.

ABSTRACT

The study analyzes how literature presents the character of the child reader, based on the work *The Neverending Story*, being a research work of bibliographic nature and an interpretative analysis that is inserted in the formal and historical literary criticism on the reading child in contemporary times. In view of the role that reading plays on the reading child in modernity and contemporaneity, and its contribution to children's psychosocial development (PETIT, 2002). The types of readers from the fantastic genre are presented; as well as classifications and typologies (NIKOLAJEVA, 2002; TODOROV, 1992).

Keywords: Child Reading. Reading. Fantastic Literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONTEXTO HISTÓRICO DA LEITURA INFANTIL	16
2.1	Público infantil: o que é ser criança e noção de infância	16
2.2	Os primórdios das histórias contadas para crianças: da literatura oral quando é recolhida em livros	19
2.3	Contos de fada: de uma prática oral para uma literatura do público infantil	19
2.4	Inserção da criança no mundo literário e suas influências sociais	25
3	A PERSONAGEM DA NARRATIVA FANTÁSTICA: TIPOLOGIAS E CLASSIFICAÇÕES LITERÁRIAS NA CONTEMPORANÊIDADE	29
3.1	O limiar entre as perspectivas denotativas e linguísticas na fantasia infantil	29
3.2	Os animais de Fantasia	34
4	O MISTERIOSO MUNDO DE BASTIAN EM <i>A HISTÓRIA SEM FIM</i>	38
4.1	O fim de fantasia	38
4.2	Mudanças internas/externas pós-leitura de <i>A História Sem Fim</i> na vida de Bastian	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho analisaremos a obra *A História Sem Fim* (1979) de Michael Ende (1929-1995). Ende é um escritor do pós-guerra e dedicou-se à escrita de romances do gênero fantástico para crianças. Ganhou destaque com um deles, que se tornou conhecido mundialmente: *A História Sem Fim*, no original: *Die unendliche Geschichte*, traduzido para mais de 40 idiomas.

Nos atentaremos ao comportamento da personagem principal dessa obra, uma criança por nome de Bastian Baltazar Bux, que carrega dentro de si um mundo singular, carregado de fantasia, embora viva em meio à turbulência da perda da mãe e a ausência do pai. Bastian é detentor de uma grande paixão, a leitura. Na busca por identificar-se como parte de algo no mundo, é na literatura que encontra um espaço que possa aceitá-lo sem restrições. O fato de tornar-se leitor pode ser que esteja relacionado com as turbulências que ele está vivendo.

Em virtude disso, este trabalho busca, na obra *História Sem Fim*, fazer uma reflexão entre a personagem criança leitora, além de algumas conexões com o mundo realista no qual vivemos. Pois a fantasia faz parte da vida das crianças. A obra literária não é apenas ficção, ela busca respaldo no mundo real. O crítico literário Todorov, na obra *Introdução à Literatura Fantástica*, (1981, p. 16) aduz que, o “conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário.” A literatura fantástica não reside completamente no mundo imaginário, devido a relação que se configura entre os objetos e seres do mundo real com o mundo imaginário.

No decorrer do trabalho buscaremos responder a algumas inquietações que foram levantadas durante leituras e estudos sobre a leitura no mundo infantil; a partir de exemplos em que o tema é apresentado dentro da literatura. Tendo em vista o objeto de pesquisa deste trabalho, uma destas inquietações seria encontrar o **porquê** de Bastian Baltazar Bux ser um leitor tão ativo e saber como viajar no texto e captar nas entrelinhas o que o autor exige dele como leitor. Haja visto que ele foi construído como uma personagem criança. Assim como essa personagem, há outras “personagens crianças leitoras” que carregam as mesmas características de Bastian, porém, além do gosto pela leitura, há algo muito além disso que os colocam em conformidade. Embora seja uma experiência incrível acompanhar a trajetória que Bastian faz durante a sua leitura, principalmente pelo seu envolvimento tão profundo com o texto a ponto de esquecer-se como parte do um mundo real, há o contraste do mundo em que vive, cheio de obrigações rotineiras. Adentrar no mundo da fantasia é desenvolver uma conversa com os personagens, a ponto de identificar-se como um dos personagens do livro que está lendo. Os motivos que o levam à leitura são absurdamente enternecedores.

A História sem Fim: uma sinopse

A obra *A História Sem Fim* conta com outras leituras além da verbal, como a divisão da obra em duas cores: vermelha e verde, sendo a primeira para o “mundo real,” onde vive o protagonista, Bastian; e a segunda para o mundo fantástico, que acompanhamos através de Bastian, quando ele está lendo. O livro é dividido em 26 capítulos, e cada capítulo se inicia com uma letra do alfabeto, na ordem. Em cada letra há uma ilustração do personagem que irá aparecer no capítulo que se inicia.

Na obra, Bastian busca por uma leitura prolongada que dure para sempre. Coincidentemente, ele encontra um livro com um título curioso chamado “A História Sem Fim” e o rouba. O garoto, que já perdera sua mãe, morava apenas com pai que o deixava livre, de forma negligente. Bastian inicia a leitura da obra roubada querendo estar preso naquele mundo que está a ler. Durante sua imersão na leitura da “História Sem Fim”, Bastian vive uma completa aventura, pois vai, aos poucos, se comunicando e se relacionando com seres e criaturas antropomórficas em um mundo fantástico paralelo ao seu mundo real.

No início da obra que Bastian lê, os personagens estão indo em direção à Torre de Marfim para dar à Imperatriz Criança a triste notícia de que o Nada está consumindo Fantasia. A Imperatriz Criança, que também está definhando, luta para salvar Fantasia, e assim ela envia o herói Atreiu, também um menino como Bastian, para buscar o salvador de Fantasia. Na busca pelo salvador de Fantasia, Atreiu perde seu amigo no Pântano da Tristeza, o cavalo Artax. Logo, aparece o Dragão Branco como um salvador daquele momento. Os acontecimentos se seguem e Bastian os acompanha sendo tomado pela tristeza de Atreiu, assim como pela sua alegria e coragem, até que Bastian é tomado por completo pela leitura e pela narrativa. O narrador ocasionalmente aparece, fazendo cortes entre a leitura da obra por Bastian e o que vai acontecendo nesse meio tempo, no mundo real, como, por exemplo, quando Bastian vai ao banheiro, ou pausa para comer. Traça-se, dessa forma, uma meta-narrativa do próprio ato de leitura, tal como este é experienciado pela criança leitora.

A obra é carregada tanto de um realismo cruel quando do fantástico. Bastian, que aos poucos é revelado como sendo ele próprio o salvador de Fantasia pelo qual buscam Atreiu e a Imperatriz, amadurece durante a sua estadia em Fantasia. Ao final, Fantasia é salva de ser consumida pelo Nada. E Bastian, ao retornar ao seu mundo real já não é mais o mesmo. A visão de mundo de Bastian se amplia. Já não é mais um garotinho vitimizado, aceita-se como

realmente é. Além disso, a leitura não teve fim nele, mas ele foi corajoso ao narrar tudo de Fantasia para seu pai e para o dono da livraria da qual ele roubara a obra. *A História Sem Fim* é uma obra repleta de significados, parece ser uma leitura simples, mas é complexa e deleitável.

A leitura e o leitor na infância

A leitura é fundamental na vida de qualquer ser humano, inclusive na das pessoas que vivem em áreas afastadas das civilizações urbanas e buscam ardentemente esse conhecimento da leitura, e querem tomar posse dessa riqueza. Atualmente, essa busca não persiste apenas no desejo do “querer saber” individualizado, mas tornou-se uma necessidade social, em virtude das mudanças decorrentes no meio socioeconômico. Os que são alfabetizados são privilegiados com um lugar no meio social, enquanto os não alfabetizados são ‘excluídos’. Montesquieu, famoso filósofo iluminista, citado por Michèle Petit; antropóloga e escritora, expõe: "O estudo foi para mim o remédio soberano contra os desgostos da vida, não tendo existido jamais uma dor que uma hora de leitura não afastasse de mim" (PETIT, 2009, p, 9)¹. Por um longo período a leitura foi dada apenas como fonte de conhecimento.

As narrativas que podiam ser usadas como prazer eram apenas declamadas, porém, com a implementação da escrita vernácula e as evoluções das impressões, a leitura tem se tornado uma atividade prazerosa. A leitura é definida por Jouve (2002) como uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções. Sendo assim, o protagonista Bastian, em análise, mostra-se como um leitor conhecedor da importância da leitura.

Embora, a criança tenha o espaço de brincar, explorar o mundo físico e real; a partir do momento em que ela adentra o mundo literário, o mundo dela se expande gradativamente. No entanto, nem sempre essa viagem ao mundo literário é uma questão apenas de se conhecer, mas também de um apagamento de si, uma fuga da realidade que a cerca.

Consideramos que este tema - a leitura como escape da realidade - pode ser encontrado em várias outras personagens da história literária, nas quais estas mesmas peculiaridades de Bastian se repetem. Do mesmo modo, também, encontramos no mundo real relatos de pessoas dotadas do mesmo sentimento que Bastian, tanto crianças quanto jovens e adultos. Petit ressalva exemplos verídicos em uma de suas obras, *A Arte de Ler ou Como Resistir à Adversidade* (2009) que demonstram esse tipo de atitudes praticadas pelo leitor moderno e contemporâneo. Porém,

¹ Petit, M. *A Arte de Ler ou Como Resistir à Adversidade*. 2009.

em nossa pesquisa, nos atentaremos para o mundo infanto-juvenil, por se tratar de um período da vida em que as descobertas são maiores, e a busca por adaptar-se ao mundo, um problema.

O que faz de Bastian um personagem peculiar é o seu encontro com a leitura e a forma como encara esse universo, o mais intrigante não é apenas por se tratar de um leitor, mas porque Bastian é uma criança que vive em uma realidade bastante conturbadora para ele enquanto criança e alia-se à literatura como meio para amenizar o sofrimento que o aflige. Por que uma criança pode ser tão apaixonada pela leitura como Bastian se apresenta? Há, na literatura, crianças que fogem da realidade e encontram refúgio na leitura, veremos como isso nos é apresentado.

O contexto de vida que essas personagens vivem é semelhante em certos aspectos; porém, a literatura os abrigou, conduzindo-os a novos caminhos e ao descobrimento interior, permitindo a eles o desenvolvimento da própria personalidade enquanto pessoas pertencentes a uma sociedade. Este trabalho então propõe a seguinte questão: o que já se pesquisou sobre o poder da leitura na vida da criança e do adolescente, que pode nos ajudar a compreender melhor essas personagens, e seus leitores implícitos?

O que já se tem em mente sobre a problemática desta monografia, possivelmente, seja apenas um paradoxo quando se tratando de apenas personagens que não podem ser analisados separadamente de seu contexto de vida uma vez que não são seres reais pertencentes ao mundo concreto, porém, são elementos de um universo ficcional que influencia seus leitores. Os autores criam narrativas que abrem espaços e dão vida à personagens crianças leitoras, causando espanto no leitor ao se deparar com o mundo, muitas vezes terrível, em que essas personagens estão imersas. Nos deparamos, assim, com narrativas que nos apresentam personagens crianças leitoras que, geralmente, não possuem uma vida “feliz”. No entanto, entre os embates daquilo que mais causa sofrimento e dor a elas, se deparam com o mundo da leitura e adentram nele encontrando aí um lugar de ‘segurança’.

Acompanhar o desenvolvimento psicossocial dessa personagem criança deixa um deslumbramento no leitor que, ansiando, tende a comparar a ficção ao mundo real em que crianças que vivem em contextos de conflitos, e se enveredam pelo mundo da leitura, buscando o mesmo fim que as personagens crianças leitoras. Possivelmente, uma criança que se depara com uma criança leitora em uma narrativa irá comparar sua realidade com a da personagem, de alguma forma isso causa um certo impacto que servirá como espelho. Procuraremos mostrar como esse espelhamento afeta o ato da leitura e sua análise.

O objetivo do presente trabalho é desenvolver uma análise crítica, interpretativa, da *personagem criança leitora*, detectada em exemplos na literatura. Terá como objeto de estudo principal a obra *A História Sem Fim* (1979), de Michael Ende, focando no protagonista, a personagem Bastian, e sua relação com o mundo da leitura. Outros objetivos deste trabalho compreendem:

- Analisar como a literatura apresenta a “personagem criança leitora”, através da exploração formal de textos literários selecionados para a pesquisa.
- Reportar o papel da leitura literária como um caminho que conduz à imaginação, ao descobrimento de si mesmo e à construção da personalidade.

Este trabalho será uma pesquisa de cunho bibliográfico que de acordo com LAKATOS e MARCONI (2003) corresponde a;

[...] toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas [...] até meios de comunicação orais [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. [...] Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (LAKATOS e MARCONI 2003, p. 183)

Além de uma análise interpretativa que se insere na crítica literária formal e histórica, esta análise se aplica ao tema da *personagem criança*, através do estudo de caso do personagem Bastian de *A História Sem Fim*.

O trabalho é dividido em três capítulos. Cada capítulo está dividido em subtópicos. No segundo capítulo intitulado *Contexto Histórico da Leitura Infantil* é articulada a contextualização histórica do conceito de criança e sua definição. E o processo de escrita literária para o público infantil e quais as interferências que a leitura tem na vida da criança na contemporaneidade.

No terceiro capítulo, *A Personagem da Narrativa Fantástica: Tipologias e Classificações Literárias na Contemporaneidade*, concentra-se um estudo sobre a narrativa fantástica e tipologias de personagens comuns na literatura fantástica infantil contemporânea. Contém a análise da personagem Bastian em seu contexto de vida e sua relação com o mundo da literatura. A personagem em análise é um leitor que busca uma fuga da realidade. Desta forma, buscamos refletir o que o levou a se comportar de tal modo. Quais foram as transformações observadas após ele concluir a leitura do livro que está lendo. É destacada a

dinamicidade com a qual o narrador onisciente da obra em análise leva sua narrativa. Não sendo uma mera diversão ou brincadeira, mas algo que tira o leitor (nós) de seu comodismo, de uma leitura linear, nos forçando a uma leitura dinâmica através da própria estruturação de texto. Afinal, há duas narrativas desenrolando-se simultaneamente, e o modo que o autor faz as saídas ou retomadas no texto é incrível, não deixando a narrativa quebrada. O leitor, desta forma, não fica desorientado, pois a sua atenção está estrategicamente presa na narrativa esperando que chegue o momento seguinte. No entanto, esse narrador não deixa o leitor esperar por muito tempo, a ponto de ficar irritado com a espera, mas calcula o tempo certo para gerar o interesse suficiente. As duas narrativas vão se desenrolando com perfeição, e essa dinamicidade com a qual Ende trabalha é prazerosa.

No quarto e último capítulo intitulado “O Misterioso Mundo de Bastian em a História Sem Fim”, analisaremos a realidade de Bastian, e como ele lida com a “missão a ele concebida para salvar Fantasia” (ENDE, p. 78, 1979). Analisaremos as mudanças internas/externas de Bastian ao término da leitura. Abordamos a leitura na vida de crianças e adolescentes que são libertados de seus mundos mesquinhos e alcançam novos horizontes.

A análise da personagem tem sua base em Aristóteles, que a pensava como sendo “reflexo da pessoa humana” e “como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto” (BRAIT, 1987 p.30). E ao longo dos tempos, à medida que a narrativa ganhava novas roupagens a perspectiva a respeito do personagem se altera. A personagem como elemento de uma narrativa é estudada e discutida por diversos teóricos, sendo apresentada por diferentes pontos de vista, como por exemplo, personagens que foram base de estudo para compreender o próprio autor da obra, personagens que são analisados como construção linguística, e aqueles que são analisados como cópia do mundo real, a qual Aristóteles o nomeou *mimesis*. “Um aspecto relevante desses estudos é o que diz respeito à semelhança existente entre personagem e pessoa, conceito centrado na discutida, e raras vezes compreendida, *mimesis* aristotélica.” (BRAIT, 1987 p.29).

A narrativa fantástica contemporânea carrega em si algumas características, por exemplo, a dinamicidade do texto, que permite que o narrador converse com o leitor e construa a narrativa, sem desviar-se do que a narrativa está a narrar. O gênero fantástico, por ser o gênero muito associado, nos dias de hoje, ao público infantil, carrega diversas especificidades. Em que cada leitor atingirá um ponto específico e se valerá disso, como conhecimento, uma viagem especial a um lugar que todos visitam, porém, cada um tem uma experiência individual. Dentre as primeiras obras do gênero fantástico infantil, o objetivo era dedicar às crianças para que a

partir das narrativas pudessem encontrar uma lição de vida, isto é, moralizar as crianças por meio da leitura tanto para o ensino da religião quanto para agir no meio social. Por outro lado, também já foi visto como uma perversão que influenciaria no que as crianças pensam, ou uma espécie de “libertinagem” do pensamento.

No século XX, o fantástico ganhou a função de criticar a realidade opressiva vivida na época das grandes guerras. Como a nossa pesquisa tem como objeto de estudo uma obra do gênero fantástico, nos aliaremos a Todorov que irá amparar a explicação desse gênero. Em sua obra *Introdução à Literatura Fantástica* (1992), ele expressa que:

O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário. (TODOROV, 1980, p. 16).

E, por fim, é apresentada a conclusão do trabalho em que sintetizamos a ideia central e os resultados alcançados deixando a nossa reflexão sobre o tema abordado nesse trabalho, que nos permite pensar na literatura fantástica de modo a ser incentivada e influenciada para alcançar uma gama extensa de leitores, principalmente na era contemporânea, em que podemos alcançar resultados tão gratificantes quanto os que são apresentados pela pesquisadora Michele Petit (2008).

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA LEITURA INFANTIL

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre a leitura infantil em uma esfera contextualizada desde o primeiro século em que começou a pensar a criança como definição específica de um dos estágios da vida de uma pessoa. Separada do que antes era compreendido até o século XVII, não existindo até então o conceito de criança. Para isso começaremos a pensar a criança a partir de meados do século XVIII, quando o termo começa ser usado para designar uma das faixa-etária da vida do ser humano. Além de compreendermos o processo histórico da escrita dedicada a esta faixa etária, a partir das narrativas orais.

Esse capítulo encontra-se distribuído em seções. Na primeira seção aborda-se o conceito de criança. Os seguintes irão contextualizar a criança com o ato da leitura começando pelas primeiras narrativas até à leitura contemporânea. Por fim, será concluído abordando a criança como leitor, em um processo de construção de identidade e prazer em prol de amenizar sofrimentos internos. Além disso, veremos que a criança é influenciada por aquilo que ela lê. Portanto, a leitura é um complexo emaranhado que traz benefícios ao público leitor, sobretudo na faixa etária infantil.

2.1. Público infantil: o que é ser criança e a noção de infância

Na Idade Média não existia a “infância”, conseqüentemente não existia a literatura infantil. A infância como uma fase especial da vida, em que o ser humano recebe um tratamento diferenciado, realmente é um conceito que só passou a existir com a ascensão social da burguesia. Classe emergente, a burguesia viu na educação dos “pequenos a oportunidade de que necessitava para perpetuar sua ideologia, e na literatura infantil, a melhor forma de realizar esse intento. (MENDES, 2000 p. 54)

A imagem conceitual do que é criança hodiernamente nem sempre foi a mesma. Até o século XVIII “criança” era um termo compreendido como apenas o período entre os primeiros meses de vida até a idade de cerca de um ano de idade. Portanto, a partir do momento que a criança podia caminhar e realizar algumas atividades era levada a se misturar com os adultos e comportar-se como tal. Até essa época a criança era tida como peça que proporcionava o desenvolvimento na sociedade por poder desenvolver trabalhos que lhes eram apropriados de modo explorativo, e, desse modo, a criança era exposta ao aprendizado. O conhecimento era desenvolvido ajudando o adulto a fazer os trabalhos que seriam, posteriormente, responsabilidade daquela criança quando chegasse à fase adulta. Muitas “crianças” naquele

período não chegavam à fase adulta, morrendo precocemente, por motivos variados, inclusive por realizar trabalhos perigosos ou mesmo exaustivos.

O conceito de criança, portanto, veio a ser reavaliado quando, no meio social, o conceito de família é reformulado, se tornando mais restrito quando a prática de casamentos arranjados, na maior parte do Ocidente, entra em declínio. A Europa, principalmente, influenciava outras regiões e começava a modificar suas estruturas sociais. As transformações sociais foram o estopim para influenciar o mundo da literatura infantil. É na faixa etária infantil que o indivíduo começa a se relacionar com o mundo, descobrindo-o, e formando a sua própria identidade, embora isso se prolongue por toda a vida. Sob essa perspectiva, a burguesia via na educação das crianças uma oportunidade de se manter no poder. Para isso, buscou-se investir na educação infantil. Consequentemente, tudo isso motivou o nascimento da literatura voltada para as crianças.

Até o século XVII não havia separação entre as literaturas por faixa etária. As obras que hoje chamamos de literárias eram compartilhadas entre as crianças e adultos, não existia literatura especificamente dedicada ao público infantil. Em virtude de a sociedade não viver essa separação das faixa-etárias, a criança era compreendida como de fato um adulto. Além disso, outro fator responsável por essa homogeneização está ligado as publicações de livros para as crianças, que não existia na época, os livros eram caríssimos. Zilberman endossa em seus estudos que,

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 1985 p.13)

A literatura tem papel fundamental na formação da criança enquanto ser humano. Bem como as primeiras literaturas usadas para as crianças eram os contos de fadas, estes tinham importância fundamental como uma ferramenta moralizadora e de ensino. Mesmo que os contos de fadas não tenham sido criados com especificidade ao público infantil, posteriormente foram adaptados. Segundo Bruno Bettelheim:

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas

declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade - mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. [...]. (BETTELHEIN, 2002 p. 22)

O desenvolvimento social, psíquico e cognitivo da criança se desenvolve de acordo com o mundo que está à sua volta. Ela é reflexo daquilo que a cerca. Por isso, quanto mais acesso se tem à leitura literária, mais conhecimento e personalidade a criança adquire. Afinal, ela não viverá apenas aquilo que lhe é imposto, mas buscará de maneira indireta, provavelmente, uma personalidade que seja comum a ela por meio das descobertas de outros mundos e do uso da imaginação.

A literatura acompanha as transformações decorrentes na sociedade. De tal modo que, à medida que novos conceitos sociais vão se erguendo, a literatura abarca-os. Não apenas com intuito de manter-se atualizada, mas sobretudo porque a sociedade requer essas mudanças. Devido à elevação do trabalho infantil no mundo, principalmente no período da Revolução Industrial, que é conhecido como o auge dessa exploração. Fez-se necessária a criação de leis de proteção à vida da criança. Com base nos documentos que garantem os direitos da criança e do adolescente no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, (ECA), considera-se criança, para os efeitos da Lei, a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade (art. 2º). Assim, até aos 12 anos de idade a criança é por lei mantida sob a guarda de seus progenitores. Pois, a criança, de acordo com as leis que regem a sociedade brasileira, está isenta de fazer negócios, bem como trabalhar e viver sozinha. Neste artigo retirado do ECA está explícito que a criança é proibida de desenvolver qualquer atividade de trabalho: “Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade.”. Deixa claro que, até século XVII e XVIII a criança era explorada e obrigada a trabalhar, porém, isso não feria a lei já que a “criança” era um adulto em miniatura, cumprindo responsabilidades, e ajudando no sustento da família.

Porém, com o tempo, as leis foram se tornando mais rigorosas a fim de preservar o crescimento saudável às crianças. Ser criança extrapola esses conceitos e limites estabelecidos por lei, e todos esses direitos que protegem as crianças são um dever do poder estatal a fim de manter a sanidade e o desenvolvimento psicossocial saudável delas. Ser criança está na magia com que a vida é vivida e desenvolvida. O lidar com o mundo e como ela encara a sua realidade e suas particularidades, aprendendo o significado de vida: é isto que faz com que um indivíduo em seus primeiros anos de vida seja caracterizado como uma criança. Porém, não é isso que vemos ao estudarmos um pouco da sociedade medieval. Ariès (1986) afirma que a ‘criança’,

no caso, o bebê, era tido como “animalzinho”, recebendo todos os cuidados apenas durante os primeiros momentos de vida em que ainda não conseguia realizar atividades desacompanhado, dependendo da mãe ou de outra pessoa.

Porém, com a consolidação do capitalismo e após a revolução industrial, as crianças tendem a ser mais ativas e a terem acesso a um contingente maior de informações, até chegarmos às literaturas exibidas e disponibilizadas digitalmente, por meio *online*, que no presente século são consumidas em larga escala. As literaturas sofrem adaptações, adquirindo novas estéticas, com maior jogo de desenhos e cores, com o intuito de prender a atenção de centenas de crianças.

No período compreendido como *contemporaneidade* a criança vive um processo de constante transformação e aprendizagem, em especial por se tratar de um período em que a era tecnológica está em voga. Quando falamos de “criança leitora”, *insights* de leitores são visíveis, pois é nesse período que o leitor está em formação. Quanto maior o acesso a livros e leituras, maior a possibilidade de se ter um leitor que pouco irá se afastar do mundo literário na fase adulta.

Com isso, veremos no próximo subtópico as transformações que a literatura sofre ao longo dessa contemporaneidade. Abandonando as narrativas orais, narradas por alguém que deve estar ao lado da criança, chegamos ao acesso às narrativas escritas. As crianças leem no seu ritmo, fazem as pausas quando desejam, voltam à leitura na hora que querem. Com a narrativa escrita não há apenas uma preservação da memória, mas também uma leitura mais silenciosa e particular o que garante ao leitor o uso da imaginação enquanto está concentrado naquilo que lê.

2.2 Os primórdios das histórias contadas para crianças: da literatura oral ao livro

Contar é uma prática antiga que servia como meio de entretenimento e de ensinamento. Geralmente, as narrativas eram oralizadas e declamadas, a mãe ou a ama eram responsabilizadas para narrar as histórias para as crianças. Tendo em vista que o conceito de criança como compreendemos na contemporaneidade passa a existir apenas a partir do século XVIII, é fato que as primeiras histórias que as crianças tinham acesso eram por meio de narrativas orais. Aquelas mulheres preocupadas tanto em entreter a criança quanto ensiná-la se dedicavam à prática de narrar algo para que a criança se mantivesse entretida por um tempo.

Mas esse entretenimento era movido por uma força de ensinar à criança sobre ética, moral e religião. Steven Roger Fischer ressalta que:

Os pais sempre gostaram de ler para os filhos. [...] As crianças gostavam, em especial, de romances e épicos laicos e palacianos. Não havia um gênero distinto de literatura infantil. (Essa foi uma invenção comercial do século XIX.) As crianças liam o mesmo que os adultos ou escutavam aquilo que os adultos achavam que elas deveriam escutar. Era raro possuírem seus próprios livros. Contudo, algumas crianças precoces criavam os próprios livros. (FISCHER, 2006, p. 176)

Adultos e crianças compartilhavam das mesmas narrativas. Não havia a distinção de faixa etária entre as pessoas da sociedade, apenas uma distinção de classe econômica. Assim as narrativas eram abertas a todas as faixa-etárias. Narrar é uma arte muito antiga pertencente à vida dos povos, séculos antes de Cristo. Mesmo com as narrativas declamadas a criança já sentia prazer em algo que a fizesse imaginar.

Quando se começou a pensar na criança como sujeito em formação, distinto do ser adulto, a literatura começou a ser pensada para esse público. E com o impulso crescente da indústria de comunicação isso alavancou a comercialização da literatura infantil, quer seja cinematográfica ou letrada. E cada vez mais essa literatura foi crescendo sendo destinada exclusivamente a esse público. Houve períodos em que as literaturas eram acessíveis apenas à burguesia e às crianças pertencentes à classe alta, enquanto as crianças de classe baixa ficavam excluídas de ter acesso a esses livros. Um dos motivos eram os altos custos das obras.

Com o avanço das tecnologias de impressão, a leitura tornou-se paulatinamente acessível aos cidadãos com poucos recursos financeiros. Assim, uma ou outra pessoa conseguia ler uma página ou outra do jornal. Algumas vezes nesses jornais eram publicadas pequenas partes de uma obra e as pessoas acompanhavam as leituras diariamente. A literatura chegava aos desfavorecidos de recursos dessa forma. Enquanto isso, a outra parcela de crianças ficava restrita às revistas, contos e narrativas folclóricas, que eram as mais comuns na época.

Desse modo, até meados dos séculos XIX poucas pessoas tinham acesso ao livro escrito, e o alto custo do livro interferia na produção sendo bastante reduzida. Portanto, o mais comum entre as pessoas era o contar e ouvir histórias. As pessoas se reuniam em alguma casa ou espaço e divertiam-se com as narrativas. Assim, depreende Fischer: “No século XVII, as pessoas ainda se reuniam com frequência para escutar leituras informais. Entretanto, não era mais a Bíblia, a *legenda áurea* ou tratados religiosos – em vez disso liam cada vez mais romances e histórias de aventuras.”. Até então a Bíblia era o livro mais popular e as leituras eram conduzidas em torno

de uma cultura religiosa, porém, isso foi mudando com o passar do tempo, e o livro foi ganhando espaço e deixou de ser temido pela maioria das pessoas.

Nesse interim, os contos de fadas se tornam um meio de moralizar as crianças por meio de suas narrativas, de certa forma, uma vez que as histórias eram contadas em rodas de conversa, reuniões de família. Os contos eram dotados de histórias assustadoras, com cenas fortes. De fato, os contos eram dedicados ao entretenimento adulto. Essas narrativas em público eram valorizadas pelas pessoas sendo uma atividade comum de lazer daquele período.

À medida que o tempo passava, exigia-se uma literatura escrita que pudesse ser preservada com mais cuidado, a fim de que pensamentos, filosofias, conhecimentos até então obtidos não fossem perdidos. Com isso, as narrativas que antes eram oralizadas passaram a ser recolhidas em livros. O que antes era escrito em papiro e em pergaminho, ao longo do tempo passou a ser recolhido em livros impressos. Os primeiros livros eram bem trabalhados, com ilustrações, grifos e detalhes, porém após a chegada da impressão em massa, essas produções sofisticadas foram ficando de lado e dando espaço para um estilo mais simples; de baixo custo. O que também conquistou as pessoas, por darem maior importância ao conteúdo escrito. Em sincronia com essas mudanças do texto escrito adota-se também um novo estilo de leitura, valorizada pela privacidade, restritiva, da particularidade de cada leitor. Sendo essa uma das consequências da impressão em massa, que também sofreu grande influência do Romantismo literário. Facilitando assim a leitura, que deixa de ser vista apenas como uma estrutura para guardar informações e tornando-se um dos meios de prazer para muitos leitores. Fischer (2006, p. 195) salienta, “para muitos, a leitura não era mais um árduo processo de decifração, constituindo, daí em diante, um ato de puro prazer.” O ponto de partida para essa mudança foi notório a partir da publicação do ‘livro de bolso’ do tipógrafo italiano Aldo Manuzio (1449/50 - 1515). Após uma crise econômica que levou as publicações a caírem drasticamente, Manuzio recorreu a um modo de publicação novo, com um livro em tamanho reduzido, dobrado em oito partes. Os livros passaram a ser menores, podendo caber no bolso do leitor, na bolsa. Isso agradou ao público, por ser um livro mais fácil de carregar e de manusear.

Entretanto, esse processo de configuração do livro como material impresso está ocupando cada vez menos espaço dentro da sociedade contemporânea em virtude do crescimento global dos meios digitais. Isso se reflete na forma de ler, que usa a tela digital ao invés do livro impresso. Com a tela é mais fácil preservar o livro em uma pasta ou em uma conta online. Esse processo ocorre em virtude de a literatura acompanhar os processos transformacionais da sociedade que a carrega. Consequentemente, o leitor hodierno difere do

leitor do século passado. Inclusive as crianças que nascem e crescem em meio a um novo modo de vida, completamente diferente da geração anterior e isto as leva a estarem cada vez mais acostumadas com os textos dinâmicos, afastando-se daquilo que é completamente monótono e simples.

A leitura na internet pode não ser o melhor caminho para guardar tudo na memória, pois frequentemente o internauta se perde entre os links, desviando a atenção de seus objetivos iniciais. O mesmo acontece com a televisão. Segundo o neurologista Gilberto Xavier, da USP, isso ocorre porque o próprio meio induz à passividade e ao relaxamento, o que não é bom para as conexões. (...), mas a receita favorita dos especialistas, quando o assunto é memória, tem sido ironicamente esquecida nestes tempos de crescimento do mundo digital. (...) é exatamente aquela que as pessoas estão no fundo, cansadas de saber: é ler.” (COLAVITTI, 2002 p.34).

O movimento tem prendido a atenção dos pequenos cidadãos e, com isso, tem permitido que as novas tecnologias adentrem ao mundo da criança, paulatinamente desde muito cedo, principalmente na leitura. Como a literatura não é estática, o modo de ler já não é o mesmo do século passado. Assim também, os livros já adquiriram novos formatos.

Como o capitalismo ganhava destaque durante os séculos XVIII e XIX, as publicações impressas também ganhavam forças em meio a produção em massa na Europa. Nesse meio os primeiros jornais ganhavam forças e destaques, as editoras também cresciam. Com toda essa movimentação em massa de publicações, o livro impresso tanto adquire novas estruturas estéticas, como nessa época foram surgindo novos subgêneros, e suas ramificações na segunda metade do século XX surgiram: “o romance histórico, o romance gótico, o romance esportivo; ou a ficção científica de viagens espaciais, a ficção científicas de viagem no tempo e, agora a ficção científica de computadores.” (FISCHER, 2006 p. 274).

À medida que essas ramificações literárias vão ganhando destaque no meio adulto, também vão ganhando destaque no meio infantil. A literatura infantil não fica restrita apenas aos contos de fadas, mas foram eles que deram o pontapé inicial para essa literatura se desenvolver. No próximo subtópico veremos as modificações dos contos de fadas oral, antes assim narrados mesmo não sendo dedicados totalmente ao público infantil, para uma literatura dedicada ao público infantil.

2.3 Contos de fada: de uma prática oral para uma literatura do público infantil

Geralmente, os contos de fadas são narrativas que apresentam personagens fantásticos: bruxas, fantasmas, sereias, unicórnios, elfos, gigantes etc. Esses contos eram narrados verbalmente às crianças até século XVIII. A memorização era a principal biblioteca em que se guardava os contos. Enquanto as narrativas das histórias e contos eram herdadas pelos filhos e netos como uma herança pertencente à família, os pais contavam a seus filhos dando continuidade à tradição. Contudo, depois de algum tempo, esses contos passaram a ser escritos em papel, com a chegada do papel e da impressão, no século da Revolução Industrial. Essa passagem da narrativa oral para a escrita, deu ao leitor independência e autonomia. As publicações da coletânea de Perrault no ano de 1697, na França, desencadearam as primeiras publicações voltadas para esse público.

Após a Revolução Industrial os livros foram ganhando as primeiras publicações direcionadas a um público leitor mais abrangente. Os primeiros livros infantis foram publicados no século XIX, ficando em destaque Charles Perrault, com seu livro *Contos da mãe Gansa* (1697). Incluindo neste livro os seguintes contos: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar.

No ano de 1812, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (1812-1822) ganham destaque na Alemanha com a publicação de contos de fadas, também voltada ao público infantil. Eles se dedicaram ao estudo dos contos infantis e fizeram adaptações para que as crianças pudessem ler. Fischer afirma que a literatura infantil só ganhou mesmo maior destaque e espaço dentro da sociedade devido ao comércio. Isto é, trata-se da comercialização da literatura infantil como um meio de entretenimento, surgindo, a partir desse meio, as obras cinematográficas.

Tanto Perrault como os irmãos Grimm ganharam destaque como ‘precursores’ da literatura infantil. E ambos completamente distintos em sua escrita, como aduz Betelheim:

Enquanto no relato de Perrault a ênfase recai sobre a sedução sexual, na estória dos Irmãos Grimm dá-se o oposto. Nela, não se menciona nem direta nem indiretamente nenhuma sexualidade: isso pode estar sutilmente implícito, mas, essencialmente, o ouvinte tem de completar a ideia, para compreender a estória. Para a mente infantil, as implicações sexuais permanecem pré-conscientes, como deveriam. Conscientemente a criança sabe que não existe nada de errado em colher flores; o que está errado é desobedecer à Mamãe quando estamos encarregados da importante missão de atender um interesse legítimo de um pai (a avó). O conflito principal é entre o que parece ser interesses justificados para a criança e o que ela sabe que os pais desejam dela. (BETELHEIM, 2002, p.189)

O fato de lidar com uma literatura infantil não quer dizer que os temas variados estariam proibidos, pelo contrário, a criança era levada a ter conhecimento de variados assuntos por meio das leituras literárias. Essa literatura era um caminho que conduzia a criança a um crescimento individualizado. Sendo assim, cada autor em sua escrita procurava descrever parte do mundo a fim de que a criança pudesse conhecê-lo. A influência da literatura sobre o meio social havia tomado proporções tão grandes que

em meados do século XIX, na maioria dos países desenvolvidos, a capacidade de ler já havia se tornado comum e sua ausência considerada um demérito. [...] no final do século XX, os cidadãos de nações desenvolvidas nem sequer conseguiriam realizar as atividades nas respectivas sociedades sem recorrer à leitura. Nessa época, o analfabetismo era tido como algo mais grave que uma deficiência física: era um exílio interno. (FISCHER, 2006 p. 274)

A leitura tornou-se uma necessidade. A criança, ao se deparar com esse mundo de pessoas dedicadas à leitura veio também a ser influenciada a adquirir o ato de ler. Pois já não se admitia o analfabetismo dentro da sociedade. Mas havia um grupo que era desconsiderado, excluído desse meio, por serem pessoas pobres, e às vezes com poucos recursos para investir em educação e serem alfabetizadas. Portanto, a leitura não era apenas uma forma de prazer, mas também uma forma de adquirir conhecimentos. O livro era um sinal de nobreza e aqueles que mais liam, ou mesmo tinha uma estante exposta de boas literaturas, eram considerados pessoas cultas. Gradativamente, as pessoas alfabetizadas foram aumentando em número. Depois da escolarização da criança a sociedade passou a mostrar-se mais exigente e estratificada.

A literatura no século XIX foi destacada por Fischer (2006, p. 263) como uma mercantilização da literatura infantil; “este se tornaria, no final do século XX, um dos gêneros mais lucrativos e de maior alcance entre as publicações internacionais.”, ou seja, essa literatura só ganhou destaque por ser usada como uma fonte de renda colossal, crescendo drasticamente. Desde então, a criança começou a ser tratada com novo olhar e ganhou inúmeras dedicatórias literárias, quer dizer, com o avançar da tecnologia e da globalização, as obras infantis foram ganhando releituras que alavancaram o mercado cinematográfico com filmes personalizados dedicados ao público infanto-juvenil. Assim, a leitura feita em silêncio, a ideia do leitor isolado com um livro em mãos foi substituído pelo cinema.

Com a chegada de leituras das mais variadas perspectivas e modos, as crianças tiveram contato profundo com os mais variados conteúdos expostos a elas diariamente, interferindo no momento de a criança isolar-se e criar fantasias, pensar no mundo partindo da própria

perspectiva. Com isso, a imaginação e a invenção andam gradativamente a passos largos do mundo infantil, quando a criança não é levada ao seu espaço de pensar e inventar sua própria história, o mundo dela fica em desfalque porque parte dela clama por esses momentos se estes não forem completados. Bettelheim afirma que:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez se relacionar com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 2002 p.5)

As estórias para crianças têm um respaldo em desarmá-las do presente para que elas também possam refletir acerca do futuro, lhes apresentando algo que seja aproveitado em suas vidas. Quer seja uma narrativa oral ou verbal, as estórias para crianças, como um momento de ócio, imaginação, e aprendizado do mundo. Era assim que eram pensadas no início: sempre buscando adicionar na vida infantil um novo saber-conhecimento.

3. Inserção da criança no mundo literário e suas influências sociais

O ser humano é um ser que segue modelos, desse modo, a criança é influenciada a ler, quando há alguém em quem ela possa espelhar-se, podendo ser até mesmo uma personagem. O contato direto, diariamente, com o livro é capaz de dar à criança esse desejo de aprofundar na leitura. Um livro fechado é como um baú fechado. Existe uma curiosidade de querer saber o que ele esconde. Foi assim que ocorreu com Bastian, quando se depara com o livro na biblioteca do Sr. Koreander, “Bastian deu-se conta de que durante todo o tempo estivera olhando fixamente o livro que o Sr. Koreander tinha nas mãos e que se encontrava agora sobre a poltrona de couro. Era como se o livro tivesse uma espécie de magnetismo que o atraía irresistivelmente” (ENDE 1979, p.4).

Partindo do pressuposto de que a literatura é reflexo da realidade, a criança, mesmo sendo analisada como personagem de uma literatura, quando é representada com características de leitora alguns fatos implícitos a acompanham. Por exemplo, o sofrimento no qual elas estão envolvidas que as levam a buscar por algo melhor, que vai ser encontrado dentro da leitura. A leitura ocorre de modo absorto de tal forma que não há como ser um leitor engaiolado. Quem

lê passa a ser transparente em suas atitudes revelando nelas características de que é um leitor. Até no momento de lidar com determinadas situações complexas, é na leitura que encontra a porta de escape. Já afirmava Candido que,

se reunirmos os vários momentos expostos, verificaremos que a grande obra-de-arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. [...]. (CANDIDO, 1995 p. 35)

A leitura não se restringe apenas a um momento de ócio. A influência que a leitura manifesta na vida de quem lê é perceptível. Uma vez que, para esse que lê, o mundo já não é visto mais do mesmo ponto de vista que antes e nem como os dos demais, pois a imaginação e a criatividade estão em ação no seu cotidiano. Assim como os vocábulos do discurso de um leitor tendem a serem rebuscados, em virtude de ter aprendido a ler e ter acesso amplo a palavras dos mais variados campos do conhecimento. A leitura é um aprendizado em que todos os sentidos estão atentamente ativos ao que ocorre nesse momento de leitura, não se trata apenas da decodificação dos códigos.

Enquanto uma criança lê uma série de paradigmas são postas em questionamentos, por se tratar de uma leitura consciente, crítica e profunda. Isso envolve até mesmo a emoção que aflora à medida que o leitor se aprofunda na obra que lê, como salienta Brait (1987), “não há distanciamento leitor-texto que possa refrear a emoção sentida. [...] e não se trata de uma emoção superficial, provocada apenas pelo dado da surpresa: a releitura do romance não impede que a emoção seja revivida.”. Diante de qualquer que seja o texto em que o leitor se depara com um personagem ou mesmo com a narrativa desenvolvida, esse leitor será induzido a desenvolver sentimentos enquanto lê a obra.

A criança, por ter características próprias, e na maioria das vezes comuns, isto é, geralmente as crianças apresentam as mesmas características em determinadas idades, podem desenvolver e ter que lidar com os ‘problemas psicológicos do crescimento’ que são descritos por Bettelheim como: “superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral”(Bettelheim, 1903, p. 8). Estas mudanças na

criança irrompem em desespero por desconhecerem o que está acontecendo, precisando de orientação para o percurso natural que estão seguindo, que é imposto a elas. Entretanto, elas necessitam vivenciar um processo de adaptação ao mundo que o cerca assim como do *eu*. Por esse viés os contos de fadas são vistos como um aliado da criança no processo de formação do consciente e do subconsciente, em que Bettelheim (1903 p. 16) depreende que a criança saberá lidar com as incógnitas citadas anteriormente;

familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto ofereçam novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (BETTELHEIM ,1903, p. 16)

As personagens crianças descritas em obras literárias influenciam as crianças leitoras de literatura. O mais interessante é que, dentro do mundo literário, autores preferem trazer personagens que sejam cativantes e marcantes durante a leitura das crianças, trazer ao público uma ou outra personagem criança leitora. Nelas, a criança poderá se espelhar e assim, encontrar pontos que os assemelhem, quer seja uma característica, um sofrimento, um gosto, qualquer coisa comum entre ambas que fará com que quem está a ler crie um laço de afetividade com aquela personagem descrita. Logo, poderá atingir um ponto de a criança leitora absorver ou tentar imitar os atos das personagens crianças, aproximando o mundo daquela para si e, a partir disso, criar sua própria identidade. Como previsto, há um ponto de intersecção entre os dois mundos, o literário e o real.

A criança é levada ao mundo da leitura quando ela descobre nele algo que possa compartilhar. Às vezes por uma tradição de família, mas em sua grande maioria, para refugiar-se de algo, um sofrimento, uma culpa, um medo. Essas leituras o levam a horas de devaneio em que o corpo está presente, mas a mente vagueia entre as palavras que o fará ser mais que um ser indissolúvel. A leitura é responsável por um ato de fazer-se humanizar. Não que esse seja o objetivo dela, mas o leitor imerge em uma sucessão de reflexões que o muda. Assim ressalta Petit que,

os textos que mais trabalham o leitor são aqueles em que algo passa de inconsciente a inconsciente. E isso nos escapará sempre, pelo menos em grande parte — felizmente.

Não se trata de modo algum de aprisionar o leitor, mas sim de lhe apresentar pontes ou permitir que ele mesmo construa as suas. (PETIT, 2008 p. 155)

O leitor se (re)constrói ao passo que se conecta a cada leitura. A leitura abre a ele janelas de conexões com o mundo a sua volta que permite a socialização e o lidar com o outro. Por isso há no meio social algo chamado de biblioterapia, que pode ser definida como a prescrição de materiais de leitura como função terapêutica. Mas para que a leitura tenha efeito sobre quem lê, é necessário um jogo de estratégias de escrita, estruturas textuais que os autores o conhecem bem.

No próximo capítulo será abordada a narrativa fantástica em sua perspectiva de gênero literário e suas tipologias na contemporaneidade. Como esse processo é desenvolvido dentro da literatura fantástica infantil que é dedicada ao público infantil, por incitar a imaginação.

3 A PERSONAGEM DA NARRATIVA FANTÁSTICA: TIPOLOGIAS E CLASSIFICAÇÕES LITERÁRIAS NA CONTEMPORANEIDADE

Discorreremos neste capítulo acerca da personagem leitora na narrativa fantástica infantil na contemporaneidade, período em que ganha impulso positivamente. Por ser um dos gêneros mais lidos pelo público infanto-juvenil, veremos as contribuições desse gênero para o desenvolvimento intelectual, criativo e potencial para a criança.

A definição do termo fantástico foi palco de discursões entre estudiosos da literatura, por ter características que permeiam outros gêneros semelhantes, e assim, um dos críticos literários que dedicou parte de seu estudo na compreensão do gênero fantástico, Todorov (1992), expressou que o fantástico é a hesitação entre o estranho e o maravilhoso. São três vertentes que se aproximam nas suas definições. Por ser um gênero que as crianças mais se identificam veremos que umas das causas são os personagens apresentados por terem tipologias diversificadas.

3.1 O limiar entre as perspectivas denotativas e linguísticas na fantasia infantil

A narrativa fantástica convenientemente está associada com a imaginação. Defini-la é caminhar pelo mesmo limiar que vários pesquisadores, da dimensão do temido e do estranho. As obras desse gênero deixam atônitos os seus leitores uma vez que o texto é carregado de simbologias e significados e o leitor é tomado, perdendo o controle e o domínio de seus sentidos, isto é, o texto direciona os leitores ao lugar desejado da narrativa. Se este leitor for uma criança como Bastian, que procura o texto como escape para um mundo fora do que ele vive, sem dúvidas ele será tomado pelo texto.

As personagens crianças nas narrativas infantis ganham espaço no meio literário apenas a partir do século XX sob influência da ciência contemporânea, em que a leitura já era tida como um dos meios de entretenimento comum no meio social. Concomitante, surge a ideia de deslocamento no tempo (*time-shift-fantasy*) em que aparecem questões de mudanças análogas de personagens de tempos distintos mas que se encontram. Em Bastian, podemos citar como exemplo o seu encontro com as personagens do mundo de Fantasia. As personagens são de outro mundo completamente diferente do mundo de Bastian, e onde o tempo decorre paralelo ao mundo de Bastian, porém não marcado pelo mesmo ritmo.

Com as novas mídias impactando o meio social do século, a fantasia vai ganhando mais espaço, paulatinamente sejam em filmes, jogos ou mesmo os livros adaptados. Os personagens do gênero fantástico infantil tiveram a influência significativa do escritor John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), que deu início a um novo gênero literária, dentro do fantástico, voltado para um mundo paralelo e personagens com características diferentes, que ficou conhecido como “fantasia épica”. Tolkien trouxe uma narrativa completamente nova ao meio literário, e posteriormente influenciou vários outros escritores. Ende (1929-1995) foi influenciado por Tolkien em sua escrita literária. A partir das narrativas de Tolkien, com personagens peculiares e diferentes da narrativa comum novos personagens vão tomando forma, assim novos escritores buscaram trabalhar sob a mesma perspectiva ou mesmo procurava a fuga desse modo de escrita. Edward James (2012, p. 62) enfatiza que “O Senhor dos Anéis de Tolkien (1954–5) [...] paira sobre toda a fantasia escrita em inglês - e em muitos outros idiomas - desde sua publicação; a maioria dos escritores de fantasia subsequentes o está imitando ou tentando desesperadamente escapar de sua influência.[Tradução minha]²”. Decerto, o crescimento do gênero fantástico expandiu muito após Tolkien.

Alguns teóricos discordam das funções e da natureza dos personagens em ficção infantil. Há autores que apresentam os personagens como indivíduos semelhantes aos seres humanos. Enquanto outros os tratará como sendo apenas um jogo de palavras, construído linguisticamente, sem referencial no mundo real. Assim, o personagem é o principal elo que vincula a criança à narrativa, tanto pela semelhança do mundo narrado com o mundo da criança leitora, quanto pela forma em que a criança é apresentada em narrativas fantásticas por meio da construção linguística. Esses dois extremos são definidos por Nikolajeva como, respectivamente, mimético e semiótico.

O conceito de personagens miméticos [...] (“mimese” = imitação) ou representação da realidade. Uma abordagem semiótica ou temática pressupõe que os personagens, como todos os outros elementos textuais, são feitos apenas de palavras e não têm referentes no mundo real. Uma abordagem mimética trata os personagens como indivíduos; uma abordagem semiótica os trata como entidades linguísticas. A tarefa de um estudioso pode variar entre a interpretação dos personagens (em termos

² Tolkien’s *The Lord of the Rings* (1954–5) (henceforth LOTR) looms over all the fantasy written in English – and in many other languages – since its publication; most subsequent writers of fantasy are either imitating him or else desperately trying to escape his influence. JAMES, Edward. “Tolkien, Lewis and the explosion of genre fantasy”.

psicológicos ou ideológicos) e uma análise da construção do personagem (em termos narratológicos). (NIKOLAJEVA, 2002, p.8) [Tradução minha]³.

Mesmo que o leitor desconheça a essência desses dois parâmetros, ele é atraído pela estrutura desses dois modos de olhar para a narrativa. No que concerne ao mimético ele pode perceber as personagens a partir de seu mundo, colocando-se como parte integrante do mundo fictício narrado. Como Bastian, em *A História Sem Fim*, que na primeira parte é apresentado como leitor de uma dada narrativa para crianças de ficção, porém na segunda parte ele se encontra como personagem da tal narrativa. O próprio Bastian sentiu-se como parte de Fantasia enquanto lia. Essa participação dos dois mundos no qual o narrador apresenta, pode ser notado um mundo “real”, mimético e um mundo paralelo no qual é um mundo em que há uma série de personagens peculiares. Nikolajeva (2002) apresenta essa atitude de Bastian como de falso herói:

No entanto, enquanto Atreyu na Parte I se comporta como um herói real, mostrando coragem e engenhosidade, Bastian na Parte II age não mesmo como um anti-herói, mas como um falso herói do conto de fadas, tomando decisões erradas e desfazendo tudo o que Atreyu realizou. Lendo as duas narrativas como imagens no espelho uma da outra e interpretando os dois personagens de forma intersubjetiva, vemos que, na primeira parte, Bastian adota a posição de sujeito do protagonista na história que está lendo (assim como leitores reais adotariam a posição de sujeito de Bastian) e mostra uma empatia tão grande que ele finalmente entra em contato direto com Atreyu. (NIKOLAJEVA, 2002, p. 107) [Tradução minha]⁴.

Nikolajeva aborda que: “A maioria das outras fantasias do mundo alternativo de meados do século XX são, no entanto, bastante repetitivas, focadas nos motivos de busca ou luta entre o bem e o mal, ou ambos, mesmo que a natureza dos mundos alternativos como tais possa ser

³ The concept of mimetic characters-or rather a mimetic view of character [...] (“mimesis” = imitation) or representation of reality. A semiotic or thematic approach presupposes that characters, like all other textual elements, are made of words alone and have no referents in the real world. A mimetic approach treats characters as individuals; a semiotic approach treats them as linguistic entities. A scholar's task may vary between the

interpretation of characters (in psychological or ideological terms) and an analysis of character construction (in narratological terms).

⁴ “However, while Atreyu in Part I behaves like a real hero, showing bravery and ingenuity, Bastian in Part II acts not even as an antihero but as a false hero of the fairy tale, making wrong decisions and undoing everything that Atreyu has accomplished. Reading the two narratives as mirror images of each other and interpreting the two characters intersubjectively, we see that in the first part Bastian adopts the subject position of the protagonist in the story he is reading (just as real readers would adopt Bastian's subject position) and shows such a great empathy that he finally gets into direct contact with Atreyu.”

imaginativa e diversa (2002, p.59) [Tradução minha]⁵”. Esse tipo de narrativa é muito aceita pelas crianças que estão aprendendo a diferença entre esses dois modos de ver a vida.

Os protagonistas em narrativas fantásticas infantis geralmente são simples, ou personagens “planas”, longe da complexidade dos personagens da ficção literária dita “realista”. Assim a criança tem maior interesse por eles, pois interpretam as personagens como pessoas do mundo físico delas, assim as julgam como tal, ou seja, por meio de comparações diretas. Os personagens são apresentados de modo transparente, teoricamente, podendo ser mais facilmente compreendidos do que humanos que fazem parte da vida dos pequenos leitores. Assim a criança poderá ser intuitivamente impulsionada a julgar aqueles que estão ao seu redor como semelhantes a determinados personagens pelas características em comum ambos sob a perspectiva da criança.

As personagens são variadas em consonância com a época que foram criadas, assim como os gêneros literários influenciam grandemente os mesmos. Para cada gênero os personagens são apresentados de maneiras diferentes, de forma que cada personagem é característico de determinado gênero, no que concerne as suas atitudes e comportamentos. Assim também como o narrador personagem, que pode ser tanto um narrador observador ou um narrador protagonista. Consideraremos também o *narratee-character* (personagem narrado) que fora introduzido a princípio por Chatman (1928-2015); crítico literário americano, que está relacionado a uma simetria que difere dos narradores, os narrados raramente são evidentes nos textos literários.

Bastian na primeira parte é um narrado, enquanto na segunda parte passa a ser o protagonista único. Nikolajeva afirma (2002) “Bastian na primeira parte de *The Neverending Story* é um *narratee*, enquanto na segunda parte ele se torna o único protagonista. [Tradução minha]⁶”. Um *narratee* é a pessoa dentro do texto para quem o narrador está falando, a fala no texto é direcionada a ele. Isto é, na primeira parte da obra Bastian é a pessoa a quem a obra de direciona, enquanto na segunda ele é parte da história.

A criança leitora julga a personagem a partir de seu contexto de mundo, no caso, o associando a alguém. Por exemplo os contos primeiramente traziam essas personagens com

⁵ “Most other mid-twentieth century alternative-world fantasies are, however, quite repetitive, focused on the motifs of either quest or struggle between good and evil, or both, even though the nature of the alternative worlds as such can be imaginative and diverse.”

⁶ Bastian in the first part of *The Neverending Story* is a *narratee*, while in the second part he becomes the sole protagonist. (Nikolajeva, 2002 p.6)

características do bem e personagens com características do mal, a criança por si só iria deduzir, mesmo que sob pressão, quem na realidade representava o bem e quem representava o mal.

Além disso, as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo versus o errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia. Quanto mais simples e direto é um bom personagem, tanto mais fácil para a criança identificar-se com ele e rejeitar o outro mau. (BETTELLEM, 2003, p.10)

Julgar as perspectivas do mundo real levando em consideração a psicologia infantil não é muito viável. Certo de que as personagens são criadas por meio do narrativo, às vezes determinados comportamentos são desnecessários ao serem julgados sob uma ótica humana realística. Por exemplo uma personagem que tem comportamentos antiéticos para o mundo real, devido a algum fato relacionado aos pais, quando em alguns casos os pais nem sequer são mencionados na narrativa. Nikolajeva (2002) afirma que qualquer objeção que explique a personalidade do personagem deve ser apresentada, quer seja explícita ou implicitamente, e algo fora disso é apenas especulação.

O protagonismo das personagens infantis, na ficção, tende a ser mais recente, quando a literatura infantil tem seu maior desenvolvimento durante os séculos XIII e XIX. E nesse mesmo período se estabelece o realismo (modos miméticos), em que a realidade seria descrita não apenas como uma imagem fotográfica, mas com uma profundidade de significados realísticos. E os personagens literários sofrem influências desse modo de movimento.

As personagens são classificadas de modo geral como: plana; são estáticos, apresentam os mesmos comportamentos, sem evolução; redondas, evoluem ao longo da narrativa, são complexas e dinâmicas; principais e secundárias, aquela sustenta os fatos relativo da narrativa, enquanto essas intermediam as ações, girando em torno das principais.

Os personagens de narrativas infantis são diferentes dos personagens em narrativas adultas, como ressalta Nikolajeva (2003), as personagens com baixa expressão mimética apresentam situações rotineiras, comuns; crianças indo em ambiente escolares, familiares. E esses personagens se tornarão cada vez mais comum a partir da II Guerra Mundial, em que a sociedade começa a mudar rapidamente. Essa mesma autora classifica: “personagens pouco miméticos e irônicos são os primeiros historicamente e os únicos tipologicamente que pressupõem e permitem um retrato da vida interna” (2003, p. 38) [Tradução minha]⁷. E esse

⁷ Low mimetic and ironic characters are the first ones historically and the only ones typologically that presuppose and allow a portrayal of internal life.

tipo de personagem é muito conhecido dentro das narrativas infantis. *A História Sem Fim* é destacada como uma narrativa em que se encontra no *mode Metafictive Character [modo de personagem meta-ficcional]*; este é um dos meios que os escritores contemporâneos utilizam para manter a atenção de seus leitores presa, devido ser uma narrativa que se desenrola entre dois mundos paralelos.

Isto é, o prefixo meta- na terminologia pós-moderna refere-se ao enquadramento (também chamado de incorporação) - isto é, à construção deliberada da narrativa em mais de um nível diegético. Patrícia Waugh (1984) inclui fantasia entre dispositivos. Nesse caso, todos os personagens que viajam por um mundo alternativo por meio da fantasia são contatados como *metafictivos*. (NIKOLAJEVA, 2003, p. 40). [Tradução Minha]⁸

A aventura de visitar outros lugares por meio da fantasia é comum e agrada o público infantil, por se tratar de uma narrativa dinâmica. Bastian é um tipo de criança retratada fazendo uma viagem por um mundo alternativo. Essa viagem dá acesso a um mundo diferente, abre para uma visão crítica do mundo e traz situações complexas, impostas pela vida cotidiana.

Mas essa visão crítica só é possível a partir do momento que Bastian se envolve com os personagens de Fantasia, que não são pessoas comuns, mas personagens completamente inimagináveis para Bastian. Isto é, os personagens descritos em narrativas influenciam os seus leitores quer sejam pessoas ou não, principalmente quando esses personagens são apresentados como seres animais, ou uma espécie diferente, o que aguça ainda mais a curiosidade do leitor juvenil. Portanto, no próximo tópico abordaremos sobre esse tipo de personagem.

3.2. Os seres e animais de Fantasia

Embora as crianças tenham admiração pelos personagens humanos e até mesmo desejar imitá-los; as personagens que são animais ou brinquedos falantes, fadas e duendes, entre outros seres mágicos, são os que mais as fascinam. Em Bastian há uma gama de seres e animais que fazem parte do enredo da narrativa. Os animais narrados em literaturas infantis geralmente são seres que apresentam características diferentes daquilo que é comum, por exemplo, seres

⁸ Metafictivos the prefix meta- in the postmodern terminology refers to framing (also called embedding)-that is, the deliberate construction of the narrative on more than one diegetic level. Patricia Waugh (1984) includes fantasy among metafictive devices. In this case, all characters traveling between the real and the fantastic world, or, in time-shift plots, between two real worlds by some fantastic means, must be counted as metafictive.

inanimados ou animais que falam, usam roupas, apresentam sentimentos. Ou seja, possuem características humanas, logo recebem o nome de “animais antropomórficos”⁹, “histórias de animais antropomórficos, brinquedos animados e bonecos, pessoas em miniatura e criaturas míticas. [Tradução Minha]¹⁰” como bem destaca Nikolajeva (2002, p. 55), esses são exemplos de possíveis seres antropomórficos que podem ser encontrados dentro de narrativas fantásticas infantis.

As estórias para crianças desde seu nascimento eram dotadas de personagens peculiares e o mais enumerados entre eles são os animais. Na maior parte das obras da literatura infantil há a presença de animais como personagens principais. As fábulas principalmente tem como principal característica a presença de protagonistas animais, já nos contos de fadas não há essa obrigatoriedade acirrada. Ambas são hoje voltadas para leitura infantil, sendo que as fábulas só vieram a entrar em cena século depois dos contos de fadas, século XIX. Silveira (2012) afirma que:

Mesmo que as fábulas tenham sido posteriormente incluídas nas leituras adequadas para os infantes, elas faziam parte de um tipo de “história didática dos animais”, ou seja, durante muito tempo os enredos dessas histórias privilegiaram não um animal e a criança. Tal fato se deve ao entendimento de que a atitude de uma criança em relação a um animal é que revelava sua verdadeira personalidade. (SILVEIRA, 2012, p.116)

As crianças aprendem a se relacionarem com os animais e até mesmo se identificam com eles ou os associam a outras pessoas ao longo do tempo em que vão tendo conhecimento de uma outra estória que os tem como centro da narrativa. O relacionamento de Bastian como leitor diante dos personagens animais é de admiração no primeiro momento. Mas, depois, no segundo momento quando Bastian passa de leitor à personagem da narrativa, esse relacionamento passa a ser amigável entre Bastian e um dragão cor-de-rosa nomeado de Falkor (*Fuchur* em alemão) que é o animal que se faz presente até o fim da obra.

Esse dragão possui como características humanas, a saber a fala: “—Combinado! respondeu Atreiu. — A propósito, acrescentou o dragão, meu nome é Fuchur. — Muito bem, Fuchur, disse Atreiu, mas enquanto estamos aqui conversando, esgota-se o pouco tempo que nos resta. Tenho de fazer qualquer coisa. Mas o quê?” (ENDE, 1979, p.36). Além da fala, também pode ser citado o fato de ter a livre espontaneidade para pensar, opinar e aconselhar.

⁹ Anthropomorphic animals.

¹⁰ Stories of anthropomorphic animals, animated toys and dolls, miniature people and mythical creatures.

Fatos como esses de seres agindo de modo semelhante aos humanos são mais comuns em narrativas infantis.

Personagens animais são cada vez mais comum na literatura infantil contemporânea. Apesar de ela ter adquirido um formato condensado com intencionalidades completamente distinta da literatura infantil pós-moderna. Os temas abordados nas fantasias contemporâneas geralmente são temas que permitem à criança assistir ao mundo ao seu redor de modo que esteja atenta aos pequenos detalhes a fim de ter a sua conduta ética e moral alinhada tal qual a sociedade contemporânea exige. Enquanto na literatura pós-moderna há a quebra do senso comuns e dos paradigmas que perpetuam na sociedade. Os personagens são elaborados com determinadas especificidades. E diante desses impasses a criança busca identificar-se com aquele que lhe é mais semelhante ou àquele que lhe é completamente o oposto, indo aos dois extremos.

As crianças têm afinidades pelos personagens animais assim como aos personagens humanos. A diferença de espécie não faz a história ser desinteressante, pelo contrário motiva a criança a estender a leitura. Bastian não deixou a leitura quando se depara com o primeiro animal falante, até porque Bastian já devia estar familiarizado com esse tipo de narrativa, pois é relatado que ele é um apaixonado por leitura, no entanto, sem dúvidas ele deve ter lido alguma fábula antes ou narrativa com personagens animais com características humanas.

Os seres antropomórficos são comuns na literatura infantil contemporânea. Sendo, portanto, usados como meio de levar a criança a pensar no outro como diferente, porém aceitando-o independente das limitações e diferenças alheias. Durante a narrativa de Bastian notamos que ele é um personagem gordo, rejeitado e criticado frequentemente por seus colegas de classe; “— Por exemplo? — Gordo, Gordão! Parece um balão! Quando sobe na árvore se esborracha no chão!” (ENDE, 1979, p. 4) com isso, Bastian sente-se excluído e não aceita o corpo que tem como ele é. Por ser um garotinho gordo ele é identificado como o gordo onde quer que ele chegue, como aconteceu em sua chegada à livraria do Sr. Koreander;

De repente, a porta se abriu com tanta força que os sininhos de latão, que pendiam sobre ela, começaram a tilintar e só pararam depois de alguns instantes. O causador deste tumulto era um garoto baixo, gordo, de uns dez ou onze anos. O cabelo castanho-escuro, molhado, caía-lhe sobre o rosto; tinha o casaco encharcado de chuva e trazia a tiracolo uma pasta escolar presa por uma correia. Estava um pouco pálido e ofegante, mas apesar de há pouco parecer ter muita pressa, continuava parado diante da porta aberta, como se estivesse pregado no chão. (ENDE, 1979, p. 2)

Durante as primeiras páginas Bastian é sempre identificado como ‘baixinho’ e ‘gordo’. Sendo, portanto, confrontado constantemente pela sua realidade e concomitante é assolado pelas suas fantasias, imaginando histórias que não são contadas a mais ninguém.

- Maluco? Por quê?
- Sabe, às vezes eu falo sozinho.
- E o que é que você fica falando?
- Imagino histórias, invento nomes e palavras que ainda não existem e outras coisas assim.
- E você conta essas coisas para você mesmo? Por quê?
- Porque não interessam a mais ninguém. (ENDE, 1979, p. 4)

Quando um personagem como esse que se vê rejeitado pelo mundo ao seu redor encontra algo que o aceite, por mais que seja um ser completamente incomum, como um ser antropomórfico, ele se sentirá bem acolhido. Por isso Bastian não tem dificuldade em aceitar o mundo de Fantasia em *A História Sem Fim*, assim também, como ele facilmente se vê comissionado a dar vida a *Fantasia* evitando assim que ela seja consumida pelo *Nada*. Por ser um garoto alvo de chacotas por parte de seus colegas de classe, sempre quando se vê diante de algo importante a ser feito, ele recorda do seu corpo, e do sentimento de inferioridade por saber que é gordo, assim teme aparecer diante dos personagens de Fantasia para ajudá-los e seu corpo ser motivo de chacota entre os personagens.

Bastian imaginou o que seria se, de repente, se encontrasse diante deles com sua gordura, suas pernas tortas e sua cara de bolacha. Podia imaginar a desilusão estampada no rosto da imperatriz Criança, quando esta lhe dissesse: — O que você veio fazer aqui? E Atreiu talvez até risse dele. Esta ideia fez Bastian corar de vergonha. Naturalmente esperavam um príncipe, um herói ou qualquer coisa do gênero. Não podia aparecer a eles. Era impossível. Estava disposto a tudo..., mas não a isto! (ENDE, 1979, p. 78)

Esses modelos de narrativas em que busca associar a criança e seu modo de ser, aceitando-se como é e também a aceitação do outro que está à sua volta é implicitamente descrita em narrativas infantis. A partir de leituras assim a criança sente-se no lugar do outro e passa a valorizá-lo olhando para o mundo do mundo. Os padrões imposto pela sociedade midiática é complexo para uma criança, no entanto literaturas infantis com personagens diferentes do comum tem sido cada vez mais reproduzida, no momento presente.

Os seres antropomórficos são comuns nas literaturas fantásticas infantis do século XX e contemporâneas, como por exemplo obras de Monteiro Lobato (1882-1948), Ruth Rocha (1931) e Ana Maria Machado (1941), que são autores popularmente conhecidos no Brasil.

4 O MISTÉRIOSO MUNDO DE BASTIAN EM A *HISTÓRIA SEM FIM*

Neste espaço será analisado o objeto de estudo que despertou a pesquisa deste trabalho. Analisaremos o conteúdo da obra, o desenrolar da história, a vida de Bastian, seu relacionamento com a leitura e com os personagens da obra que está lendo.

4.1. O ‘Fim’ de Fantasia

Na obra, *A História Sem Fim*, Fantasia é um espaço que Bastian visita e descobre que está no princípio do fim, e logo ele se sente impelido a lutar contra esse apocalipse que está prestes a ocorrer. É estranho se pensar no fim de um mundo que é literalmente fictício. Porém o significado desse mundo para Bastian é o que o leva a se preocupar com a sua permanência.

Bastian tem uma vida turbulenta, sente-se sozinho com a morte de sua mãe. Ao tentar encarar diariamente uma batalha contra o *bullying* e a ausência de seu pai encontra-se de frente com a literatura fantástica. Esta que permite a ele viver, em consonância com a metáfora dada na obra, Bastian, sem a literatura estaria imerso em um “nada”. E a fantasia sem leitores chegaria ao “nada”. Consequentemente, esse “nada” resultaria no fim da fantasia. A qual só está viva enquanto alguém percorre por ela. No início da obra a personagem Sr. Koreander é uma pessoa que não valoriza a leitura de uma criança por temer que os livros sejam destruídos ao chegar à mão de uma criança. Em virtude do não saber manuseá-lo com os devidos cuidados, semelhante a um adulto. Assim, bruscamente ele berra com o pequeno Bastian ao vê-lo adentrando em sua loja de livros:

— Preste atenção, menino! Eu não gosto de crianças. Sei que está na moda fazer um grande alarido quando se trata de vocês..., mas comigo não! Não gosto nada, nada de crianças. Para mim, não passam de uns patetas choramingas, de uns desajeitados que estragam tudo, sujam os livros de geleia, rasgam as páginas, e não querem nem saber dos problemas e preocupações que os adultos possam ter. Digo isto para que você não se iluda. Além do mais, não tenho livros para crianças e nem venderei outros livros a você. Espero ter sido claro! (ENDE, 1979 p. 2)

Isso traz à memória o que se vivenciava em meados dos séculos XVIII, quando o livro tinha valor monetário altíssimo, em virtude do preço da sua manufatura. Portanto, as crianças; a grande maioria, raramente possuiriam livros ou poderiam tocá-los. Lamentavelmente, isso se alastrou até o presente século XXI, em que a estética do livro é corriqueira. E o valor de custo

desse é menor do que no passado, porém ainda se perpetua tanto no meio familiar quanto escolar a ideia de que a criança não pode manusear o livro, pelo risco de que ela pode chegar a vir a rasurá-lo ou rasgá-lo.

O cuidado com o livro para a criança é novo, ela está em processo de aprendizagem, então os cuidados só serão desenvolvidos a partir do contato que ela tiver com o livro. Mesmo que Bastian não tenha devolvido aquela obra que roubara, mas ele foi à Fantasia e descobriu parte de seu mundo lá. Tudo o que aconteceu em Fantasia foi motivador para que Bastian tivesse mudanças internas, externas e comportamentais, tornando-se mais maduro, adquirindo atitudes ponderadas. O processo de mudança comportamental em Bastian ao final da obra é perceptível.

Em consonância com a obra, os leitores de fantasia são cada vez menos, o que explica o fato de fantasia está consumando-se. É certo de que poderíamos culpar a geração mais recente por não serem dedicados à leitura, porém seria negligência se não analisarmos o mundo que o cerca, por exemplo, aferindo as disponibilidades de obras ao público mirim, além de quem os motivem a lerem alguma obra. É impossível eles apreciarem algo do qual nunca foram apresentados. Isso reflete na vida de cada um de modo diferente. O problema no mundo de Bastian foi benéfico para o mundo da Fantasia e isso resultou em um equilíbrio entre os dois mundos, realidade x fantasia. Bastian foi até Fantasia, salvou Fantasia e salvou seu próprio mundo, onde vive com seu pai. O que só foi possível porque Bastian decidiu roubar um livro e iniciar uma leitura, escolhendo um lugar no qual não seria interrompido.

Para onde ir, então? E, de repente, lembrou-se do lugar certo, do único lugar onde — pelo menos por agora — ninguém o iria procurar e encontrar. O sótão era grande e escuro. Cheirava a pó e a naftalina. Não se ouvia nenhum ruído, a não ser o tamborilar suave da chuva sobre as chapas de cobre do enorme telhado. Grandes vigas enegrecidas pelo tempo erguiam-se a distâncias regulares sobre o chão de madeira, encontravam-se lá em cima com as vigas do forro e desapareciam na escuridão. Daqui e dali pendiam teias de aranha, grandes como redes de dormir, que balançavam suave e fantasmagoricamente à corrente de ar. Lá de cima, da claraboia, descia um raio de luz esbranquiçada. (ENDE, 1979 p. 6)

A escolha do lugar tem influência sobre quem lê. Cada leitor define os seus lugares de leitura, que o conduzirá ao prazer total. A leitura não direcionada é a que conduz ao maior prazer, pois é algo sem interferências de outrem, pressões externas, mas que partiu de uma atitude de querer descobrir algo pela própria escolha. A leitura de uma obra tem efeitos sobre quem lê, e se o leitor for criança ou jovem, esses efeitos são amplos por se tratar de um período de conhecimento de si e formação de personalidade. O primeiro processo de mudança ocorre no interior, para ir alastrando-se ao exterior, impactando os que estão envolvidos. O texto lido é

interpretado conforme ao conhecimento de cada um, a partir daí o conhecimento e formação de personalidade vai se moldado, pois:

Na realidade, os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido e interpretado. (PETIT, 2002, p.24)

Durante o percurso de Bastian pelo mundo de Fantasia, podemos acompanhar a relação que ele tece com cada palavra, cada frase do texto. Bastian é um tipo de leitor que dá vida ao texto. Lendo com prazer e buscando algo no que ler, o encontro com ele mesmo. Vemos isso quando ele encontra com a personagem Atreíú. “Apesar de tudo, Bastian alegrava-se por ter alguma coisa em comum com Atreíú, pois em outros aspectos não havia grandes semelhanças entre eles, nem do ponto de vista da coragem e da decisão, nem do aspecto físico.” (ENDE, 1979, p.21), a felicidade de Bastian é expressa quando ele encontra uma personagem com características semelhantes às suas. O comportamento da criança diante do texto é ativo, uma conversa entre ambas as partes. A criança faz o paralelo e conexões entre os personagens sobre o qual leem e com o seu mundo. Por mais que se trate de dois mundos distintos esse processo é dado por um processo mimético. A conversa entre leitor e texto faz-se necessária.

[...] a leitura “autônoma” sem objetivos escolares se apresenta como mais significativa para o leitor, uma vez que vai ao encontro dos seus anseios e possibilita uma interlocução entre a leitura e suas experiências de vida, o que potencializa no leitor a análise de textos de forma mais eficaz, considerando a motivação que o levou a ler. (ROSA E MELO, 2017, p.135)

Dentre a leitura não direcionada e a leitura direcionada, a primeira é comprovada como a mais prazerosa, já que não é obrigatória e o leitor tem a liberdade de escolher sua leitura de acordo com aquilo que lhe parece mais prazeroso, enquanto a segunda é o oposto. Bastian estava em meio a uma leitura não direcionada que lhe dava tanto prazer que o fez esquecer -se do mundo em que estava vivendo por alguns momentos. A tal ponto de ao final do livro se referir ao passado como “antigamente”, por achar que já estivessem se passado anos. Pelo tamanho prazer de estar lendo uma obra tão apreciativa, a ele, que o tempo é desconsiderado durante aquele momento. Ficando a mercê apenas do que o texto lhe conduzia, ou seja, o seu tempo já era o dado pela obra.

E Bastian disse isto a seu pai. — Antigamente? perguntou ele, admirado. O que você quer dizer com antigamente? — Quanto tempo eu estive fora? — Desde ontem, Bastian. Desde que você foi para a escola. Como você não voltava, telefonei para o professor e soube que você não tinha estado na escola. Procurei o dia inteiro e a noite toda, meu rapaz. (ENDE, 1979 p. 190)

A leitura permite viver diferentes tempos, como aconteceu com Bastian. Sobretudo as leituras do gênero fantástico o qual além de levar o leitor a mundos completamente diferente do nosso mundo, nos faz viver experiências de aventuras colossais. O que pode ser dado como uma das causas de fazer com que as crianças gostem desse gênero na contemporaneidade. A relação de Bastian com as personagens foi uma construção de afetividade que o (re) direcionou a percorrer novos caminhos. Após salvar o mundo de Fantasia ele salva a si mesmo.

Algo intrigante acontece quando Bastian conclui a leitura do livro, pois o livro desaparece. Bastian fica desesperado em sua procura, mas não o encontra;

Bastian procurou, tornou a procurar, sacudiu as mantas e revistou todos os cantos do sótão. Não adiantou nada. A História Sem Fim tinha desaparecido. "Bem", disse Bastian finalmente para si mesmo, "tenho de dizer que desapareceu. Com certeza ele não vai acreditar. Mas paciência. Quem sabe se ele ainda se lembrará do incidente, depois de tanto tempo? Talvez a loja já nem exista." (ENDE, 1979 p. 189)

Ao desistir de procurar pelo livro, Bastian retorna para casa, saindo enfim de seu esconderijo. Compreende-se esse fato como benéfico pois ao perder o livro Bastian compartilha a narrativa fantástica que acabara de ler primeiro com o seu pai; “Bastian começou então a contar o que tinha se passado. Contou tudo nos mínimos detalhes, e o relato durou horas. O pai escutava-o como nunca o tinha escutado. Compreendia o que Bastian lhe contava.” (ENDE, 1979, p.190), posteriormente com o dono da livraria a qual ele entrara para roubar o livro; “E Bastian começou a contar. Contou a história com menos pormenores do que quando a narrara ao pai, mas como o senhor Koreander manifestava um interesse cada vez maior e fazia perguntas para saber ao certo o que tinha se passado, mais de duas horas se passaram antes que acabasse.” (ENDE, 1979, p. 192). Assim a narrativa não teve um fim em Bastian ao término da leitura, mas o compartilhar do texto lido permitiu que outras pessoas conhecessem o mundo da Fantasia ao menos pelo texto narrado, agora sobre a perspectiva de Bastian.

Bastian descobriu que o texto lido precisa ser compartilhado e esse aprendizado mudou quem Bastian é, a tal ponto que o próprio pai dele comenta: “Seu pai não disse nada, mas no olhar que lançou ao filho havia surpresa e respeito. O rapaz nunca tinha se comportado assim. — Acho que também vai ser preciso um certo tempo para eu me habituar às transformações,

disse ele finalmente.” (ENDE, 1979, p. 191). Essa mudança na forma de lidar com o outro graças a literatura declara que a literatura não aprisiona o indivíduo dentro de um casulo, pelo contrário, o liberta de si mesmo e de seus preconceitos.

Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal. (PETIT, 2002, p. 46)

Bastian foi tomado por um novo vigor ao término de sua leitura. Ao passo que antes por diversas vezes deixava ser levado pelo sentimento de abandono. E após a leitura ele toma as iniciativas e introduz se no mundo, dando o passo de mudança no qual ele desejava que ocorresse na vida dele. E ele foi notado pelo novo comportamento que adquiriu.

Poderíamos dizer que mesmo com os benéficos mais simbólicos que a leitura consolida na vida de um leitor; interpretação do signo linguístico, boa oratória, escrita coerente, aprendizado, conhecimento, desenvolvimento (inter)pessoal, ela vem perdendo espaço com o avanço das tecnologias, neste caso a leitura prazerosa, em silêncio. É ressaltado por Petit (2002) que com a escolarização ao invés desse público leitor, infante-juvenil, crescer ele está reduzindo gradativamente. É dado como causa a preferência dos jovens pelo cinema, algo que seja considerado como mais fácil, moderno e rápido. Assim relata Petit:

Já observaram que, de vinte anos para cá, a proporção de leitores entre os jovens diminuiu, quando se poderia esperar que aumentasse devido à maior escolarização. Segundo esses, a causa seria a seguinte: aos livros, os jovens preferem o cinema ou a televisão, que identificam com a modernidade, a rapidez e a facilidade; ou preferem a música, o esporte, que são prazeres compartilhados. O livro estaria ultrapassado, de nada adiantaria chorar diante disso. (PETIT, 2002 p.13)

Quando a fantasia é deixada de lado durante o processo de aprendizado de um ser humano ele passa a atrofiar gradativamente. E esse processo de fantasia é contemplado quando se tem acesso ao ler, bem mais do que ao ato de assistir. Onde o ato de ler você se relaciona com os personagens, além de deixar a imaginação ir em busca dos espaços e situações dadas no texto lido. Enquanto o ato de assistir o pensar é menos envolvido, pois a imagem do que se narra já está exposta, o ato de assistir não permite muitas interações com o que se está apresentando enquanto na leitura isso é possível.

Em relação a Bastian, ele imaginou cada detalhe em seu texto, por mais que o texto que ele lia dava-lhe detalhes de determinadas coisas, mas não permitia que tudo fosse completamente descrito na obra. Isso explica um fato interessante dentro da obra quando Bastian encontra-se com a Imperatriz Criança, personagem do livro a qual ele está lendo, essa tal personagem precisa de um novo nome assim cada pessoa que visita Fantasia tem o dever de nomeá-la com outro nome. Bastian a nomeia de Filha da Lua. O nome é dado de acordo com o que o leitor achar que lhe é mais agradável. Desse modo, a leitura literária ela é interpretada de acordo com quem ler, cada um dá um significado a tal coisa. Algo será marcante para um leitor, enquanto não será notado por outro.

[...] os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido e interpretado. (PETIT, 2002 p. 25)

Bastian se apropriou do texto e o interpretou a seu modo e nomeou a Imperatriz Criança por um novo nome. “— Sim, conheço a imperatriz Criança, disse o senhor Koreander, mas por outro nome. Eu a chamei de outro modo. Mas isso pouco importa.” (ENDE, 1979, p.192). Ao final da obra lida o Sr. Koreander em um diálogo com Bastian declara que também foi à Fantasia e nomeou a Imperatriz Criança. Cada leitor ao ter um encontro com Fantasia vai nomear essa experiência a seu modo. Da mesma forma o ato de ler, mesmo um grupo que leem o mesmo livro, não terá a mesma percepção diante dos mesmos episódios.

Seria trágico pensar no fim de Fantasia, não apenas como um “espaço fictício” em que Bastian esteve. Mas como um lugar em que poucos visitam, as muitas mentiras apontadas à fantasia pode ser o fator de seu fim, e isso é destacado pelo narrador em um dos momentos de reflexões de Bastian a respeito do fim de Fantasia:

Agora ele sabia por que não só Fantasia, mas também o mundo dos homens, estava doente. As duas coisas estavam relacionadas. De fato, ele já desconfiava disso há muito tempo, mas não sabia explicar por que era assim. Nunca quisera aceitar que a vida fosse tão cinzenta e indiferente, tão pouco misteriosa e maravilhosa como pretendiam as pessoas que diziam: a vida é assim! Mas agora também sabia que tinha de chegar à Fantasia para que os dois mundos recuperassem novamente a saúde. E se nenhum homem conhecia o caminho, isso se devia às mentiras e falsas ideias que entravam no mundo dos homens e os cegavam, em consequência da destruição de Fantasia. (ENDE, 1979 p. 67)

E é ao descobrir a verdade sobre o mundo da Fantasia que Bastian alista-se na missão de salvá-la do apocalipse. E novamente ele traz ao mundo do homem uma esperança para adentrar novamente a Fantasia. A relação entre os dois mundos é inconfundível, e se há mentiras de um lado os dois lados acabam morrendo paulatinamente. O Sr. Koreander aponta que há muitas portas para adentrar a Fantasia; “— Há muitas portas para Fantasia, meu rapaz. Há muitos outros livros mágicos. Muitas pessoas nunca percebem isso. Tudo depende da pessoa em cujas mãos o livro vai parar.” (ENDE, 1979 p. 193). Adentrar no mundo da Fantasia é permitir-se andar a passos largos do desconhecimento, da bestialidade. No próximo tópico veremos o que levou Bastian a se envolver tão profundamente com a leitura, e o que isso resultou na formação psicossocial dele enquanto criança.

4.2- Mudanças internas/externas pós-leitura de *A História Sem Fim* na vida de Bastian

Em grande parte, a leitura é dada como uma forma de libertação do leitor no sentido de fugir de uma realidade desagradável, além do conhecimento de outros mundos. A antropóloga Petit em suas pesquisas sobre comportamento de jovens leitores aponta diversos relatos em que a pessoa iniciou sua caminhada como leitor ainda cedo, criança, e isso fez com que eles se tornassem pessoas com características diferenciadas, simplesmente por terem se tornando grandes leitores. Esse estudo pode ser claramente percebido e comprovado na vida de Bastian. O caos na vida dessas pessoas os levou a serem leitoras, assim como a prática de leitura pode ser herdada.

A leitura que Bastian faz é uma leitura que permite a ele uma mudança de pensamento, de entendimento do mundo além de seu comportamento e relacionamento com as pessoas. Essas são as mudanças internas que ocorreram na vida do personagem o qual acabou tendo seus efeitos colaterais, exteriorizando-se.

Após a leitura de Bastian é notado certa mudança de perspectiva quanto a seu comportamento e seu olhar sobre o mundo a qual o cerca, ele é despertado por aquilo que ele está perdendo pelo fato de estar no estado de receptor, isto é esperando com que o mundo note que ele exista. Mas a partir de seu relacionamento com o livro de *A História Sem Fim* ele passa a ser autor da própria história.

Bastian um garotinho apaixonado por livros, narrativas; “Ali estava uma coisa com a qual ele já havia sonhado muitas vezes, que tinha desejado muitas vezes desde que dele se apoderara aquela paixão secreta: uma história que nunca acabasse! O livro dos livros!” (ENDE,

1979 p. 5), em *A Menina Que Não Sabia Ler* encontramos uma outra garotinha que também tem grande paixão pelos livros e que tem sua personalidade e relacionamento com o outro modificado, podendo ser considerado como negativo. Suas horas do dia eram gastas em esconderijos onde pudesse ler,

Eu, entretanto, passava horas e horas lendo [...] absorvi o Declínio e queda, de Gibbon, os romances de Sir Walter Scott, Jane Austen, Dickens, Trollope, George Eliot, a poesia de Longfellow, Whitman, Keats, Wordsworth e Coleridge, as histórias de Edgar Allan Poe, estavam todos lá. Mas um autor destacou-se entre todos. Shakespeare, é claro. Comecei com Romeu e Julieta, passei para as histórias e logo consumi rapidamente o resto. Chorei pelo rei Lear, fiquei com medo de Otelo e aterrorizada com Macbeth; Hamlet, simplesmente adorei. (HARDING, 2010, p.5)

Florence lia um pouco de cada gênero. Suas escolhas eram mínimas, o maior desejo dela era que pudesse conter em suas mãos uma boa obra literária que fosse capaz de tirá-la da vida monótona que tinha. Assim ela lia de tudo que encontrava na biblioteca da casa do tio, na qual ela estava morando.

A literatura pode ser tida como um caminho para formação de personalidade em um indivíduo durante o período infanto-juvenil. Mas isso depende do como cada um se posiciona diante de cada leitura fantástica. O excesso leva a loucura, a medida certa conduz à mudança de rumos. O fato de ser leitor não pode ser visto que esse indivíduo será o mais educado, e de boa índole psicossocialmente. Pois, é possível termos em sociedade de psicopatas letrados. Por exemplo, a história de Florence não tem uma conclusão tão agradável. Por outro lado, vemos o quanto Bastian foi reflexivo e atingido pela leitura que fizera, mudando da perspectiva de vítima para protagonista da própria vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada à importância do assunto, torna-se essencial os meios de estimular a nova geração a persistir em uma rotina de leitura. Pois, os motivos que levam alguém a ler são particulares, inconscientemente por trás de cada “eu gosto de ler” tem algo escondido no qual ainda não foi revelado. Quem mostra isso é a própria literatura, se compararmos algum de seus personagens que tem como paixão os livros. A leitura é dada como uma porta de liberdade que permite encontrar a si mesmo, através de personagens dotados de características semelhantes às do leitor. É preciso apenas um ponto de intersecção entre o mundo do personagem e do leitor para que ele se sinta parte de algo, mesmo que seja um mundo fictício. Os gostos por determinadas obras podem revelar o que o leitor guarda por trás de cada escolha que lhe conduziu ao prazer. Como o caso de Bastian ao se encontrar com Atreú. Ambos compartilhavam de perdas. A maior parte dos pontos de conexões entre o personagem (Atreú) e o personagem-leitor (Bastian) está em algo que foi perdido, violado ou algo que se almeja. Da mesma forma, quando o mundo da leitura é visitado por crianças há uma perpendicularidade entre eles, mundo real e mundo literário, sendo assim, em um momento há uma intersecção em determinado ponto. Ou seja, por mais que sejam crianças de mundos diferentes, e carregarem a paixão pelos livros, o mundo delas se encontra em uma similaridade, não apenas nos gostos pelo ato de ler, mas também na realidade de vida de cada criança, onde é dado o ponto de intersecção. Petit (2009) descreve: “Os personagens estavam, no entanto, muito próximos deles; viviam em situações similares”. Claramente, notório essa conexão entre os dois mundos, ficção *versus* realidade.

Ao compartilhar a leitura, ao contrário, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal. (PETIT, 2008 p. 46)

A compreensão da leitura é vista como parte da formação da personalidade de seus leitores, e ela permite novos olhares a partir de uma nova perspectiva. Petit (2008) descreve em uma de suas obras relatos de experiências de pessoas que sofreram influências a partir da leitura literária. Levando-se em conta que a personagem é o reflexo de pessoas, podemos identificar

em obras que tem a personagem leitora como protagonista aspectos semelhantes ao exposto pela autora.

Eu tinha descoberto dois livros: havia uma exposição de livros, e neles se falava da condição dos judeus nos campos de concentração, o que mudou minha visão das coisas. Meu pai não concorda com a maneira como hoje vejo a comunidade judaica. Para ele, um judeu é um traidor, um inimigo. Para mim, não. Eles sofreram como todo mundo e de um ponto de vista histórico, podemos considerá-los como primos. Meu pai não está de acordo com isso. Eu o compreendo, mas mantenho minha opinião. (PETIT, 2008, p. 98)

O público analisado por Petit (2008) são crianças e adolescentes. Fazendo um paralelo com a narrativa de Bastian como leitor podemos destacar a similaridade entre esse personagem e a pessoa, entendendo que a leitura permite mudanças internas no leitor. A compreensão tanto da personagem, quanto da pessoa, no que tange o papel que a leitura possui, são similares.

Como somos parte de uma sociedade visual, isto é, a leitura visual é o foco maior nesse meio. Podemos deduzir que a leitura infantil contemporânea tem sofrido muitas alterações. A criança contemporânea em sua maioria interage em um mundo imagético. Infelizmente, a criatividade desta criança fica comprometida, pois tudo que recebe está praticamente pronto e o espaço para a imaginação não é desenvolvido, já não existe. A facilidade às vezes compromete o aprendizado da criança, assim como compromete o desenvolvimento da criatividade.

Durante o trabalho buscamos ressaltar que a leitura é a abertura para um horizonte amplo de significados e tomada de consciência de si e do mundo que o cerca. Em que a criança aprende a lidar com problemas cotidianos e a buscar modos de resolvê-los de forma madura e inteligente. A diferença entre as crianças que leem das que não leem mostram-se pelas suas capacidades de saber lidar com o outro, encarando-o não apenas como sujeito da sociedade, mas como semelhante, além da visão ampla de mundo.

O objetivo desse trabalho foi alcançado, por ter sido compreendido e explanado a relação da criança com a leitura a partir da análise de personagens e relatos reais. O êxito dessa compreensão permite expandir o conhecimento que a leitura tem sobre a criança.

Podemos concluir que a leitura tem um papel sobre o indivíduo leitor. E quando o hábito da leitura é instigado ao invés de imposto ele se torna natural e prazeroso. Com isso, podemos compreender que a leitura infantil se faz útil quando se é escolhida pela própria criança não imposta a ela. Leituras obrigatórias se tornam menos prazerosas ao público infanto-juvenil. A literatura fantástica permite o desenvolvimento psicossocial das crianças por tratar-se de uma

leitura lúdica, além da realidade. Com isso, a criança se vê livre para usar a sua imaginação no desenvolvimento de atividades, por mais simples que seja.

A autoconfiança infantil é aguçada quando se torna conhecedora de diferentes ambientes, e problemáticas que geralmente são frequentes em literaturas. Pois, durante as leituras é frequente a intimidade com determinados personagens, que são descritos e tomam forma a partir do conhecimento de mundo do leitor. Portanto, faz-se necessário essa abordagem da leitura para as crianças. Podemos concluir que os pontos positivos são colossais para o crescimento e desenvolvimento psicossocial das crianças. Portanto, a leitura é algo que exige incentivo para que as crianças desenvolvam a habilidade da leitura e o prazer por ela para além do ambiente escolar. Como Bastian que teve sua visão de mundo ampliada a partir da leitura, tomando conhecimento de si e do outro, sendo capaz de desenvolver comunicação com o seu próximo, assim como em *A História Sem Fim* personagens influenciam os seus leitores a pensarem ou a agirem de modo diferente.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm acessado em 09/09/20 às 16:57.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- CANDIDO, Antônio (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CARVALHAL, Tânia. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006.
- CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo de Consciência**. São Paulo: UNESP, 2012.
- CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COLAVITTI, Fernanda. A memória e o caos digital. In: **Revista Galileu**. São Paulo: Editora Globo, n. 130, p.28 a 35, maio de 2002.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1996.
- ENDE, Michael. **A história sem fim**. Tradução de Maria do Carmo Cary; revisão e texto final João Azenha Júnior. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FISCHER, Steven R. **História da Leitura**. Tradução: Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1982.
- JAMES, Edward. MENDLESOHN, Farah. **The Cambridge companion to fantasy literature**. Cambridge: The Cambridge University Press, 2012.
- JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1994.
- MELO, Márcio Araújo de [et al.]. Leitura e apropriação do literário em *A menina que não sabia ler*. In: **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, Editora UERJ, n. 11, p. 92-106, 2017.
- MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos. O significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

NIKOLAJEVA, Maria. **The rhetoric of character in children's literature**. Lanham, Maryland, and Oxford: Scarecrow Press, 2002.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. São Paulo: Edusp, 2015.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Mutações da Literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVEIRA, Rosa Hessel [et al.]. **A Diferença na Literatura Infantil: Narrativas e Leituras**. São Paulo: Modernas, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Rosa, Tânia Maria de Oliveira, M. A. (2017). UMA ABORDAGEM SOBRE A APRENDIZAGEM DA LEITURA NO ROMANCE: a menina que não sabia ler. In: **Revista Ribanceira**, (p. 134-149). Revista Trimestral de Letras da Universidade do Estado do Pará. 2017. n. 8. p. 134-149.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo; Global Ed., 6ª ed. 1987.